



FESTIVAL DE BRASÍLIA
40 anos

EM TRAJETÓRIA CONTURBADA PELA POLÍTICA E PELO MERCADO, O FESTIVAL CHEGA À 40ª EDIÇÃO COM A MARCA DA MATURIDADE

C

TEMPLO DA RESISTÊNCIA

TIAGO FARIA
DA EQUIPE DO CORREIO

Aos que procuram a fórmula que garantiu a sobrevivência do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro por quatro décadas, um conselho: olhem para trás. Já em 1965, quando 2 mil cinéfilos espantados devoravam a ousadia de obras como *A hora e a vez de Augusto Matraga* e *São Paulo S.A.*, nascia uma filosofia ainda resistente: convidar o público para refletir sobre um cinema moderno, em carne viva, carregado de vigor e polêmica. “A nota dominante era a surpresa, a estupefação”, resumiria o pesquisador Paulo Emílio Salles Gomes, pai da ideia de uma Semana do Cinema Brasileiro. Aos 40 anos, maltratada pela truculência da ditadura militar e de governos desastrosos, a mostra jura fidelidade a uma antiga vocação. À margem do mercado, elege o filme nacional como centro soberano de todas as discussões.

“Durante esse tempo, fizemos questão de manter a proposta de Paulo Emílio. Este continua um festival político e é uma tradição fortíssima que resistiu mesmo durante os períodos de crise na produção”, avalia o coordenador Fernando Adolfo, que participa do evento desde a primeira edição. A partir da noite de terça-feira, com exibição de cópia restaurada de *Proezas de satanás na vila de Leva-e-traz* (premiado como melhor longa em 1967),

o 40º Festival de Brasília aliará as lembranças de edições inesquecíveis à repercussão de novidades de cineastas como Julio Bressane (*Cleópatra*), Carlos Reichenbach (*Falsa louca*) e Laís Bodanzky (*Chega de saudade*). Mais que isso, somará outro debate ao falatório do Cine Brasília: será possível preservar o espírito vanguardista do evento mais respeitado do cinema nacional?

Terreno diferente

Já longe da concorrência com o Festival de Gramado, cada vez mais desacreditado por cineastas e pela crítica, o Festival de Brasília hoje se movimenta em um terreno diferente daquele explorado nos anos 1960 (quando abraçou obras-primas do cinema novo, por exemplo) e no final dos anos 1990 (época festiva, da retomada da produção). Com o interesse crescente de mostras internacionais pelo produto nacional – mais decisivamente, o Festival do Rio –, a capital aprofundou a proposta de exibir produções 100% inéditas e, em muitos casos, radicalmente autorais. “Entendo que, para sobreviver, o Festival de Brasília tenha que abrir janelas políticas e ideológicas. Se não fizer isso, não será noticiado no Rio ou em São Paulo. A saída é apostar em filmes pequenos, fortes, além de valorizar cineastas iniciantes”, prevê o diretor Murilo Salles, vitorioso com *Nunca fomos tão felizes* (1984) e, pelo

júri popular, com *Como nascem os anjos* (1996).

Apesar de assumir “forte ligação afetiva” com o Festival de Brasília, Salles não guardou o filme mais recente, *Nome próprio*, para ser exibido na cidade. Tinha compromisso com o Festival do Rio, que se empenha em aproximar os filmes brasileiros de distribuidores estrangeiros. O mesmo acordo afastou *Árido movie*, de Lírio Ferreira, da disputa por Candangos em 2006. “É irreversível. O Festival do Rio será a grande vitrine do cinema nacional”, prevê. O pernambucano Paulo Caldas, que venceu por *Baile perfumado* (1996) e exibiu *Deserto feliz* em Gramado, não desconsidera os perigos desse momento, mas é otimista ao ver um “futuro enorme” para o festival. “Com o aumento da produção e a aceitação de novas mídias, haverá cada vez mais filmes independentes que caberão no perfil de Brasília”, observa. “A produção hoje ganhou uma proporção tal que o cineasta não precisa mais se preocupar em reservar um filme para determinada mostra”, aponta.

Provas de relevância

Se o apelo do Festival do Rio seduziu longas como *O céu de Suely* e *Tropa de elite*, Brasília dá provas de relevância com exibições como a de *Baixio das bestas*, de Cláudio Assis, que dividiu o Teatro Nacional em vaias e aplausos durante a cerimônia de encerramento, no

ano passado. “Pela tradição e pelo perfil do público, todo cineasta brasileiro gosta de exibir o filme pela primeira vez em Brasília. É muito cultuado”, comenta Beto Brant, que esteve duas vezes na mostra – com *O invasor*, em 2001, e *Ação entre amigos*, no encerramento em 1998. “Brasília poderia aproveitar para fazer mostras informativas, com novas produções. Também se pode pensar em ampliar a competição: um filme por dia é pouco”, sugere.

A inclusão de obras produzidas com tecnologia digital é outro tema urgente a ser atizado por seminários durante a semana. “É uma questão universal, mas até Cannes só exibe filmes em 35mm. É importante discutir, mas as condições de projeção ainda não são as melhores”, opina Fernando Adolfo. Entre os selecionados para a competição de longas, dois filmes (*Amigos de risco* e *Meu mundo em perigo*) foram gravados em digital e transferidos para película. A possibilidade de abertura para o formato comprova o duplo desafio de um quarentão Festival de Brasília: aliar as transformações da arte e do mercado a um conceito inabalável. “Entre os festivais brasileiros, ainda é o melhor em termos de satisfação pessoal para o cineasta. Nesse sentido, não há igual”, avalia Murilo Salles, que venceu ainda pela fotografia de *Cabaré mineiro* (1980) e *Tabu* (1982). É esse prestígio que será, mais uma vez, colocado à prova – aos olhos de um público atento, rigoroso. E, como em 1965, sem medo de ser surpreendido.

FESTIVAL EM QUATRO TEMPOS

ÉPOCA DE OURO

Homenageado no 40º Festival de Brasília, Paulo Emílio Salles Gomes (1916–1977) sugeriu à Fundação Cultural do DF a criação de uma Semana do Cinema Brasileiro. Durante os anos 1960, a capital viu e premiou obras-primas como *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Roberto Santos (o primeiro vencedor), e *Todas as mulheres do mundo*, de Domingos Oliveira. Ainda nos primeiros anos da ditadura, reunia nomes do cinema novo e exibia obras francamente políticas, como *O desafio*, de Paulo César Saraceni, e *A margem*, de Ozualdo Candia. Na piscina do Hotel Nacional, Leila Diniz desfilava como musa de uma geração.

ANOS DE CHUMBO

O festival ainda exibe as cicatrizes da ditadura militar. Em 1969, *Meteorango*, *Kid, o herói intergaláctico*, de André Luiz Oliveira, teve o som interrompido em diálogos considerados impróprios. No emblemático ano de 1971, a censura retirou da competição *Nenê Bandalho*, de Emílio Fontana, e *O país de São Saruá*, de Vladimir Carvalho – medida que provocou reação enfurecida da plateia. Entre 1972 e 1974, o evento foi cancelado. O clima tenso, porém, continuou anos antes: “Os militares foram saindo no meio do filme, fazendo provocações, batendo com as cadeiras”, contou Paulo César Saraceni no livro *Por dentro do cinema novo*, sobre a primeira edição.

RESISTÊNCIA NA CRISE

Abalado pela repressão, o Festival de Brasília voltou a ativa prejudicado pela crise econômica e por um cinema mingado. Em 1982, cinco filmes integraram a competição. Seis anos depois, a mostra foi transferida para duas salas do ParkShopping, sob protestos do público. Seria apenas uma prévia para a terra desolada de 1991, quando o governo Collor declarava a extinção da Embrafilme e declarava estagnado o cinema nacional. Filmes eram barganhados com gordo aluguel para integrar uma competição cada vez mais esvaziada. Na edição de 1994, o italiano Bernardo Bertolucci veio à capital e foi homenageado.

FESTIVA RETOMADA

Em sintonia com a retomada da produção nacional, a edição de 1996 refletiu momento de euforia, com um painel de produções em que se destacaram o vencedor *Baile perfumado*, de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, *Como nascem os anjos*, de Murilo Salles, e *Um céu de estrelas*, de Tati Amaral. A partir daí, o festival aprofundaria a proposta de valorizar filmes autorais e, por fim, totalmente inéditos. Na tela do Cine Brasília, passaram obras de prestígio como *Amarela margem*, de Cláudio Assis, *Lavoura arcaica*, de Luiz Fernando Carvalho, *O invasor*, de Beto Brant, e *Santo forte*, de Eduardo Coutinho. No início do século, a mostra enfrenta concorrência com o Festival do Rio e, na contramão do mercado, confirma a vocação vanguardista.



CINE BRASÍLIA, 1978:
O FESTIVAL SOBREVIVE
AOS TEMPOS DIFÍCEIS

LEIA MAIS SOBRE
O FESTIVAL DE CINEMA NAS
PÁGINAS 5 A 8